

ANAIS DO
IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

(Florianópolis, 17 a 23 de julho de 1977)

Organizados pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula

Publicados pela Profa. Alice Piffer Canabrava
Secretário Geral da ANPUH

O HOMEM E A TÉCNICA

Volume II

SÃO PAULO - BRASIL

1979

O CONCEITO DE INDÚSTRIA (PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX).
(Resumo)

ALICE PIFFER CANABRAVA
da Faculdade de Economia e Administração da
Universidade de S. Paulo.

A investigação nos textos coevos visou conhecer como se configurava, mentalmente, a indústria para intelectuais e personalidades oficiais, no período indicado.

A análise partiu dos textos dos atos e decretos do período de D. João VI, caracterizada por grande desenvolvimento institucional, durante o qual se inseriu a tentativa de implantar manufaturas e indústrias como parte das mais importantes da política econômica do soberano. Prolongou-se até a década dos 60, para abranger a primeira década da supressão do tráfico.

Procuramos avaliar a importância, a natureza e a significação das iniciativas que visavam instalar "fábricas" no Brasil, para concluir sobre o conceito endossado pelos seus agentes e interessados.

(*) Comunicação apresentada na 1ª Sessão de Estudos, Equipe A, no dia 18 de julho de 1977 (Nota da Redação).

INTERVENÇÕES

Do Prof. Antônio Montenegro (Unicamp-SP)

Pergunta:

"Qual a força de trabalho dessas manufaturas? O escravo seria um empecilho do ponto de vista do capital empatado?"

*

Da Profa. Terezinha Barreto (UFSC).

Indaga:

"Qual o real significado do "em grande" e do "em pequeno"?"

*

Da Profa. Leni Vale Loureiro (UFSM-RS)

Pergunta:

"Como classificar trabalho com charque no Rio Grande do Sul, manufatura ou indústria? Porque vários autores falam em "indústria do charque"? Qual a diferença de conceito?"

*

Do Prof. Antônio Paulo Resende (Unicamp-SP).

Pergunta:

"Como a Autora vê a presença do escravo na manufatura?"

* *

*

RESPOSTAS DA PROFA. ALICE PIFFER CANABRAVA:

Ao Prof. Antônio Montenegro:

Poucos são os esclarecimentos sobre a força de trabalho nos atos de D. João VI, que instruem a maior parte dos informes recolhidos. Nas oficinas particulares, cremos que a força de trabalho escrava devia ser largamente utiliza-

da, como se pode deduzir da extensa diversificação profissional do escravo, largamente documentada em outros textos da época. Os "negros de ganho" foram especialmente atraídos para as atividades artesanais e manufatureiras, e seus salários significavam rendimentos para os seus senhores. É de se supor que estariam abertos a livres e escravos, o Colégio das Fábricas, criado em 1809, e a "fábrica" de tecidos, de 1819, que funcionavam como escolas, para formar força de trabalho especializada. Entretanto, na companhia de artífices criada em 1810 junto ao Arsenal Real do Exército, integrada por ferreiros, serralheiros, carpinteiros, torneiros, fundidores e tanoeiros, é de se supor apenas a mão de obra livre, única compatível com a hierarquia militar, sendo que, alcançar o posto de mestres, os "artistas" seriam promovidos a sargentos. A referência frequente à força de trabalho escrava, especializada, indica que seu investimento nas manufaturas era lucrativo.

*

À Profa. Terezinha Barreto:

As expressões - em grande e - em pequeno - dizem respeito apenas à ordem de grandeza quantitativa, de modo algum se devem entender como qualitativas quanto à estrutura de produção. Em muitos casos, como na fiação e tecelagem, os estabelecimentos deviam ser, quanto às características técnicas, simples extensão do trabalho doméstico artesanal, ou manufaturas, com seus setores especializados, a típica divisão de trabalho, de que foi exemplo a "fábrica" criada na Lagoa Rodrigo de Freitas em 1810, destinada à fiação e tecelagem, pouco depois limitada apenas à fiação. Em ambos os casos, utilizavam ferramentas e máquinas simples, manuais, mais rara a força hidráulica.

*

À Profa. Leni Vale Loureiro:

A palavra "indústria" é generalizada no século XIX no sentido da produção da riqueza, para qualquer tipo de ati

vidade, antes que, com base no crescimento econômico, a palavra viesse a ter a conotação que a relaciona com uma estrutura característica de produção. A divisão do trabalho no preparo do charque, pelo menos nos estabelecimentos maiores, nos leva a configurar u'a manufatura.

★

Ao Prof. Antonio Paulo Resende:

A contribuição do escravo nas manufaturas devia ser altamente significativa, como faz supor a profusa referência nos documentos da época, à diversificação profissional que a subentende.